



Foto: João Roberto Bassal

DESAFIOS DE PROJETOS LOCAIS: INTERLOCUÇÕES E REDES ALINHADAS AOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

*LOCAL PROJECTS CHALLENGE: INTERLOCATIONS AND NETWORKS IN LINE WITH
SUSTAINABLE DEVELOPMENT OBJECTIVES*

*DESAFÍOS DE PROYECTOS LOCALES: INTERLOCACIONES Y REDES EN LÍNEA CON
OBJETIVOS DE DESARROLLO SOSTENIBLE*

EIXO TEMÁTICO: INTERCÂMBIOS CULTURAIS, INTERLOCUÇÕES E REDES

Coordenador 1

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen

Doutora; Professora Associada FAU/UFRJ, Docente PROARQ-UFRJ
gisellearteiro15@gmail.com

Coordenador 2

TÂNGARI, Vera Regina

Doutora; Professora Associada FAU/UFRJ, Docente PROARQ-UFRJ
vtangari@uol.com.br

**DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA E CIDADE: MAPEAMENTO AFETIVO DOS TERRITÓRIOS
EDUCATIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

TANGARI, Vera R.; AZEVEDO, Giselle G.A.

Doutoras, Professoras Associadas; PROARQ-Universidade Federal do Rio de Janeiro
vtangari@uol.com.br; gisellearteiro15@gmail.com

**CONTRIBUIÇÕES DO MAPEAMENTO AFETIVO DOS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DO RIO
DE JANEIRO PARA O PLANO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA CIDADE**

ARAÚJO, Daniel; AGUIAR, Fernanda

Mestre em gestão territorial, Geógrafo; Coordenador PCRJ/ CVL/SUBPAR/EPL
Psicopedagoga, Pedagoga, Professora da PCRJ; Equipe PCRJ/ CVL/SUBPAR/EPL
danielmancebo@gmail.com; fernandaburla@gmail.com

**ATMOSFERAS DE PREFERÊNCIA NO CAMINHO PARA A ESCOLA: AFETIVIDADES,
CONFLITOS E VULNERABILIDADES SEGUNDO REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS, RJ**

LAMOUNIER, Alex A.; REGO, Andrea Q.

Doutor, Professor Adjunto EAU-UFF (Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal
Fluminense); Doutora, Diretora FAU/UFRJ, Professora Associada; PROARQ-Universidade Federal do Rio
de Janeiro
Email: alex.a.lamounier@gmail.com; andreaqueirozreg@gmail.com

DISPOSITIVOS DA ARQUITETURA EM UMA LEITURA DE MUNDO PELAS CRIANÇAS

MATIELLO, Alexandre

Doutor, professor assistente no curso de Ciências Sociais – licenciatura na UFFS (Universidade Federal
da Fronteira Sul) – *Campus* Chapecó
e-mail: alexandre.matiello@uffs.edu.br

DESAFIOS DE PROJETOS LOCAIS: INTERLOCUÇÕES E REDES ALINHADAS AOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Esta sessão entrelaça em rede as abordagens de diferentes grupos de pesquisa e instituições, que se dedicam a estudar as interlocuções entre crianças e cidades. Atuam em múltiplas escalas com distintas abordagens socioambientais, face à urgência em reinventar nossas cidades tendo em vista a constituição e qualificação de territórios educativos que nela se estabelecem, relacionando as unidades escolares e seus entornos, com foco nos percursos e na visão que conformam do mundo a sua volta.

Propõe-se para essa sessão o debate acerca de experiências em diferentes cidades no Brasil e o compartilhamento de dispositivos e estratégias de escuta, de pesquisa e de ação, de forma a analisar a percepção das crianças, enquanto atores sociais na cidade, a partir de suas vivências cotidianas e de seus desejos segundo essas impressões, sejam elas positivas ou negativas. Compreende-se a potência da atuação conjunta dos participantes e dos agentes públicos e privados envolvidos na gestão e planejamentos urbanos, para enfrentar os desafios postos às cidades do século XXI através de processos participativos e inclusivos. Essa discussão se alinha à discussão mundial sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, buscando uma alternativa viável ao enfrentamento dos grandes desafios urbanos: sustentabilidade socioambiental, segurança física e combate às desigualdades, melhorias de habitabilidade e de desempenho educacional e afetivo.

Com base na aproximação entre pesquisadores, professores e profissionais que atuam em instituições de ensino e pesquisa (IES) e em órgãos municipais de gestão e planejamento nas cidades do Rio de Janeiro e de Chapecó, propõe-se a apresentação de quatro trabalhos a seguir descritos, que promovem reflexões e instigam ao debate.

No **trabalho 1**, as autoras discutem os “Diálogos entre escola e cidade na proposta por um mapeamento afetivo da cidade do Rio de Janeiro”, a partir da experiência de parceria com o Escritório de Planejamento da Subsecretaria de Planejamento e Acompanhamento de Resultados - CVL/SUBPAR da Casa Civil e com a Secretaria Municipal de Educação, ambos órgãos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Entrelaça as abordagens de pesquisas sobre os sistemas de espaços livres públicos e privados e sobre infância e cidade, aplicadas a subsidiar o Plano de Desenvolvimento Sustentável para a cidade.

O **trabalho 2** dá continuidade ao primeiro, pois nele os autores descrevem as “Contribuições do Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos do Rio de Janeiro para o Plano de Desenvolvimento Sustentável da Cidade”. Relata a análise a partir da parceria acima citada, em atividade desenvolvida para que, através da percepção dos estudantes da rede escolar municipal sobre os espaços públicos, seja possível entender qual cidade existe aos olhos das crianças e jovens, quais problemas, dificuldades, alegrias e facilidades eles encontram no diálogo com a cidade que habitam.

Ainda como decorrência das atividades discutidas nos trabalhos anteriores, o **trabalho 3** aprofunda questões cognitivas a partir da observação de atmosferas de preferência no caminho para a escola. Os autores apresentam resultados preliminares sobre as representações das crianças a respeito do trajeto casa-escola, com o objetivo de identificar a

percepção dos elementos morfológicos e inter-relações, significados, sensações e sentimentos neste percurso cotidiano.

Finalmente, no **trabalho 4**, o autor discute a resignificação de instrumentos do campo disciplinar da Arquitetura e Urbanismo quando aplicados em oficinas com crianças de maneira a valorizar sua “leitura de mundo”, além de indicar um caminho de autonomia da infância no aprendizado sobre os potenciais educativos do território.

Como resultados esperados, propõe-se fortalecer uma rede colaborativa que, segundo acordos de cooperação técnica ou de pesquisas conjuntas, busca a formulação de estratégias de pesquisa e projeto e de subsídios às iniciativas de planejamento urbano que considerem a perspectiva das crianças como cidadãos com direito pleno a cidades mais afetivas e inclusivas.

Diálogos entre escola e cidade: mapeamento afetivo dos territórios educativos da Cidade do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

Os grupos de pesquisa Ambiente-Educação (GAE) e Sistema de Espaços Livres (SEL-RJ), vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com o Escritório de Planejamento da Subsecretaria de Planejamento e Acompanhamento de Resultados - CVL/SUBPAR da Casa Civil e com a Secretaria Municipal de Educação, ambos os órgãos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, realizaram atividade com as escolas de Ensino Fundamental da rede pública municipal do Rio de Janeiro, com o intuito de entender a diversidade e a complexidade da cidade, a partir do olhar dos estudantes. A atividade - **mapeamento afetivo dos territórios educativos** da cidade **do Rio de Janeiro**, realizada no Dia Mundial do Urbanismo em 8/11/19, resultou em um conjunto de desenhos e textos elaborados pelos estudantes que descreveram a realidade dos seus percursos casa-escola, em diferentes contextos urbanos, além dos seus desejos para a cidade e seu futuro, de forma a apontar ações para um planejamento urbano mais participativo. Ao verificar como as crianças experienciam a cidade e como se dão as apropriações e vivências cotidianas em seus percursos diários, propomos uma discussão sobre o habitar da infância no espaço público. Pretende-se contribuir para a construção coletiva e compartilhada de subsídios ao Plano de Desenvolvimento Sustentável-PDS conduzido pelo Escritório de Planejamento - EPL/Casa Civil da Prefeitura do Rio de Janeiro. Trata ainda de dar visibilidade a atores sociais que geralmente não têm oportunidades de fala, em uma concepção da infância como cidadania crítica, reconhecendo-os como sujeitos de direitos à cidade.

OBJETIVOS

Compreender a diversidade da cidade a partir do olhar dos estudantes; contribuir para estudos sobre a formação de consciência crítica sobre a cidade e a construção da cidadania dos estudantes; dar visibilidade às crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos à cidade e aos seus espaços públicos; compartilhar a visão coletiva das crianças sobre a cidade e sobre seu futuro.

INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

A rede municipal pública do Rio de Janeiro constitui a maior da América Latina, com um total de 1.540 Unidades Escolares e 626.778 mil alunos divididos em 11 Coordenadorias Regionais de Educação=CREs. A participação das escolas na atividade foi por adesão, e 734 escolas participaram, contemplando todas as áreas de planejamento da cidade, com um total aproximado de 20.000 documentos. A dinâmica da atividade se deu a partir do seguinte questionamento:

- 1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, sente e ouve durante esse percurso.
- 2) Agora que você respondeu a primeira pergunta, descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você **deseja para esse percurso?**

A produção do **mapeamento afetivo** traduziu a percepção dos estudantes sobre os espaços públicos da cidade vivenciados diariamente, identificando suas necessidades e desejos, em diferentes contextos urbanos, possibilitando análises comparativas. Para a tabulação dos dados, foram criadas 15 categorias de análise, de acordo com a recorrência das respostas – infraestrutura, equipamentos, comércio e serviços, indústria, aspectos urbanísticos, espaços livres e áreas verdes, acessibilidade, mobilidade, mudanças climáticas, conforto ambiental, conforto afetivo, recreação e lazer, aspectos socioeconômicos e culturais, segurança e violência, ações sustentáveis.

As categorias foram subdivididas ainda em 119 subcategorias, dada a riqueza, abrangência e subjetividade das respostas. Para viabilizar a complexidade da análise, organizamos o Curso “Mapeamento dos Territórios Educativos da Cidade do Rio de Janeiro”, destinado a capacitar estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores e profissionais em Arquitetura e Urbanismo, Educação e áreas afins, e gestores públicos e privados. Após a tabulação dos dados, em finalização, o material será modelado e georreferenciado pelos técnicos da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

RESULTADOS PARCIAIS

Esta atividade entrelaçou as diferentes abordagens dos grupos de pesquisa envolvidos: o grupo GAE pesquisa sobre infância e cidade e está atuando no estudo e aplicação de dispositivos de escuta e co-criação de projetos com crianças; e o grupo SEL-RJ/ProLugar pesquisa sobre os sistemas de espaços livres públicos e privados, em múltiplas escalas com abordagens morfológicas e socioambientais. Compreende-se a potência da atuação dos participantes dos grupos envolvidos em parceria com estudantes, professores e gestores da rede municipal de educação pública, para enfrentar a complexidade da atividade de planejamento sustentável desenvolvida através de um projeto participativo e inclusivo.

Os desdobramentos da atividade preveem uma etapa devolutiva com a apresentação dos resultados para os estudantes, professores e gestores, através do processamento preliminar de textos, desenhos e imagens, a ser divulgada pela Casa Civil e Secretaria Municipal de Educação, que encaminharão as análises às escolas. Planeja-se também promover a divulgação junto aos estudantes, professores e pesquisadores da UFRJ, através de seminários dos quais também poderão participar as equipes da Prefeitura, envolvidas nas atividades, assim como representantes dos estudantes da rede municipal, selecionados pelos professores e gestores das escolas.

A partir dos resultados e do processamento das informações geradas e compartilhadas pelos participantes da atividade, pretende-se ainda materializar coletivamente ideias e propostas, a serem integradas às estratégias previstas para o Plano de Desenvolvimento Sustentável-PDS em curso.

As equipes da UFRJ, como desdobramento complementar, divulgaram os resultados preliminares da análise no World Urban Forum-WUF, realizado em Abu Dhabi, em fevereiro de 2020. Intencionam ainda apresentar os resultados finais no Congresso da União Internacional dos Arquitetos-UIA no Rio de Janeiro em julho de 2021.

CONCLUSÃO

Essa atividade contribuiu com a reflexão sobre as atribuições das equipes envolvidas, ao dar voz e visibilidade aos estudantes do ensino fundamental público, reforçando seu papel no presente e no futuro como agentes produtores e transformadores do ambiente em que vivem e da cidade que compartilham. Assim, a partir dessa experiência pioneira, esperamos que estudantes e profissionais graduados em arquitetura e urbanismo possam exercer de forma mais consistente o papel de mediação entre os interesses defendidos pela população e os condicionantes espaciais e de gestão pública.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Giselle A. N. **Arquitetura Escolar e Educação**: um modelo conceitual de abordagem interacionista. Rio de Janeiro: COPPE / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

AZEVEDO, Giselle; TANGARI, Vera; RHEINGANTZ, Paulo A. **Do espaço escolar ao território educativo**: O lugar da arquitetura na conversa da Escola de Educação Integral com a cidade. Rio de Janeiro: RioBooks, 2016.

CAMPOS, Ana C.; QUEIROGA, Eugenio; GALENDER, Fany; DEGREAS, Helena; AKAMINE, Rogerio; MACEDO, Silvio; CUSTÓDIO, Vanderli (orgs.). **Sistemas de Espaços Livres – conceitos, conflitos e paradigmas**. São Paulo: FAUUSP, 2011.

CARVALHO, Paulo F. L. **Além dos Muros da Escola**: uso de espaços extraescolares na experiência do Programa Escola Integrada/PEI - o caso do Parque Lagoa do Nado em Belo Horizonte/MG. Belo Horizonte: UFMG Instituto de Geociências/IGC Faculdade de Educação/FaE, 2011.

CECIP (Orgs.). **Vamos ouvir as crianças?** caderno de metodologias participativas Projeto Criança Pequena em Foco. - Rio de Janeiro: CECIP, 2013. 48 p., recurso digital.

GADOTTI, M. **Educar para um outro mundo possível**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007

_____. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, Mayumi W. de S. **Arquitetura e Educação**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

_____. **A Cidade e a Criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

MOLL, J. **Territórios Educativos para a Educação Integral**: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade. Série Mais Educação, Cadernos pedagógicos da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

RHEINGANTZ, P.A. *et al.* **Observando a Qualidade do Lugar: Procedimentos para a Avaliação Pós-Ocupação**. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2010. Disponível em www.gae.fau.ufrj.br.

RIBEIRO&KASTMAN. **A cidade contra a escola**: segregação e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Marcelo. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio espacial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

TÂNGARI, Vera R. Um outro lado do Rio. Tese de doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1999

_____. Open space systems in Rio de Janeiro: the public and private spheres reflected in the urban landscape. In: ALVARES, L.; BARBOSA, J. **Urban Public Spaces: From Planned Policies to Everyday Politics – Brazilian case studies**. The Latin American Studies Book Series. Springer International, 2017.

TANGARI, V.; FLANDES, A. Imaginando através do projetar a escola e seu(s) território(s) educativo(s): experiências projetuais na FAU-UFRJ In: [AZEVEDO; TANGARI; RHEINGANTZ]. **Do Espaço Escolar ao Território Educativo: O Lugar da Arquitetura na conversa da Escola de Educação Integral com a cidade.** Rio de Janeiro: RioBooks, 2016, v.1, p. 132-160.

TÂNGARI, Vera; SCHLEE Mônica B.; ANDRADE, Rubens (Org.). **Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências.** Rio de Janeiro: FAU/UFRJ-PROARQ, 2009.

TONUCCI, F. **La Ciudad de los Niños.** Barcelona, 1996.

TUAN, Yi. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Contribuições do Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos do Rio de Janeiro para o Plano de Desenvolvimento Sustentável da Cidade

Esse trabalho se pauta na pesquisa em andamento “MAPEAMENTO DOS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO”, de material oriundo da atividade realizada no Dia Mundial do Urbanismo, em 8/11/2019, junto às unidades escolares que compõem a rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

A partir da atividade proposta aos alunos para que pudessem descrever como é e o que desejam no caminho que faz da sua casa até a sua escola, descrevendo em desenhos e/ou palavras, o que vêem, ouvem e sentem durante esse percurso, a análise foi desenvolvida para que, através da percepção dos estudantes sobre esses espaços públicos, possamos entender qual cidade existe aos olhos das crianças e jovens, quais problemas, dificuldades, alegrias e facilidades eles encontram no diálogo com a sua cidade. Este estudo também permitirá analisar os pontos entre o planejamento municipal e a realidade descrita no trajeto dos alunos, apontando caminhos para um planejamento integrado que gere melhores resultados.

O mapeamento afetivo da cidade é uma proposta ousada e inovadora, pois o estudo parte do ponto de vista de alunos, crianças e jovens da cidade, que relatam de forma pura, simples e verdadeira, seus sentimentos, suas sensações e suas percepções da cidade.

CONTEXTO TEMÁTICO E ESPACIAL

O Plano de Desenvolvimento Sustentável integra, em uma única matriz de planejamento e gestão, os compromissos e documentos importantes que são acumulados nos últimos anos para a construção de uma visão de longo prazo para a cidade, alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável-ODS, estabelecidos pela ONU-Habitat. A meta da participação social é “Garantir a oportunidade de participação, apropriação e liderança da comunidade no processo de construção da visão da cidade que queremos em 2050”.

Quando integramos a Secretaria Municipal de Educação na atividade, possibilitamos também a participação das crianças e adolescentes da cidade, e garantimos que não só a visão, necessidade e anseio de adultos estejam presentes no planejamento, mas que opinião das crianças seja ouvida e pensada.

Planejar o Rio com sustentabilidade é ter visão de futuro, organizar as funções da cidade com participação pública, empreender com integração e transversalidade, monitorar metas com indicadores precisos, consultar e comunicar-se com o público interno e externo, com abertura para críticas construtivas, e entregar resultados com disposição de entender o êxito como processo constante de mutação.

Com estes objetivos, a Prefeitura do Rio está elaborando o PDS, estabelecendo uma visão 2050 e definindo objetivos para 2030, como forma de aderência e engajamento aos ODS.

Como parte da construção do PDS, a equipe organizadora conta com a participação, além dos técnicos da equipe, de representantes da sociedade civil, da academia, instituições públicas e privadas, organismos nacionais e internacionais e comitês de participação nas mais diferentes

etapas de construção do Plano, através de ações presenciais e online, por seminários, oficinas, workshops, encontros e estudos técnicos.

Desse modo, os grupos de pesquisas GAE e ProLugar/SEL-RJ integram os grupos de parceiros representantes da academia nesse plano e construção de uma cidade melhor. A participação da academia busca apoiar essa atividade numa abordagem inclusiva, a partir do entendimento dos moradores e, em especial, das crianças da cidade, enquanto coautores das ações e processos de planejamento urbano. Busca-se com isso dar voz e visibilidade aos grupos sociais, para que reforcem seu papel no presente e no futuro como agentes produtores e transformadores do ambiente em que vivem e da cidade que compartilham.

OBJETIVOS

- Identificar as necessidades e desejos dos alunos, mapeando por região cada grupamento identificado nas respostas, possibilitando análises comparativas e georreferenciadas, sem, entretanto, perder as importantes informações qualitativas específicas;
- Aplicar os resultados nas metas e ações do PDS;
- Contribuir para o aprofundamento e a reflexão dos conceitos discutidos referentes ao debate sobre território;
- Colaborar na formação dos participantes para uma visão abrangente dos territórios educativos e espaços públicos que os habilitará aplicar esse conhecimento nas suas respectivas áreas de interesse.
- Gerar dados para que a SME possa utilizar para as intervenções de aprendizagem a partir dos dados que impactam em cada região;
- Incluir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 14,11,15 e 17).

METODOLOGIA

A ideia de realizar o mapeamento afetivo, onde crianças e jovens da cidade pudessem contar o que veem, sente, ouvem e vivenciam na cidade, tornou-se aplicável quando identificamos na Secretaria Municipal de Educação-SME, um caminho onde a proposta pensada teria amostra de todo o universo da cidade (quando pensamos em território) e boa representatividade em relação às crianças e jovens da cidade visto que temos atualmente 1.540 Unidades Escolares e 626.778 mil alunos divididos em 11 CREs, contemplando todas as áreas de planejamento da cidade (Figuras 1 e 2).

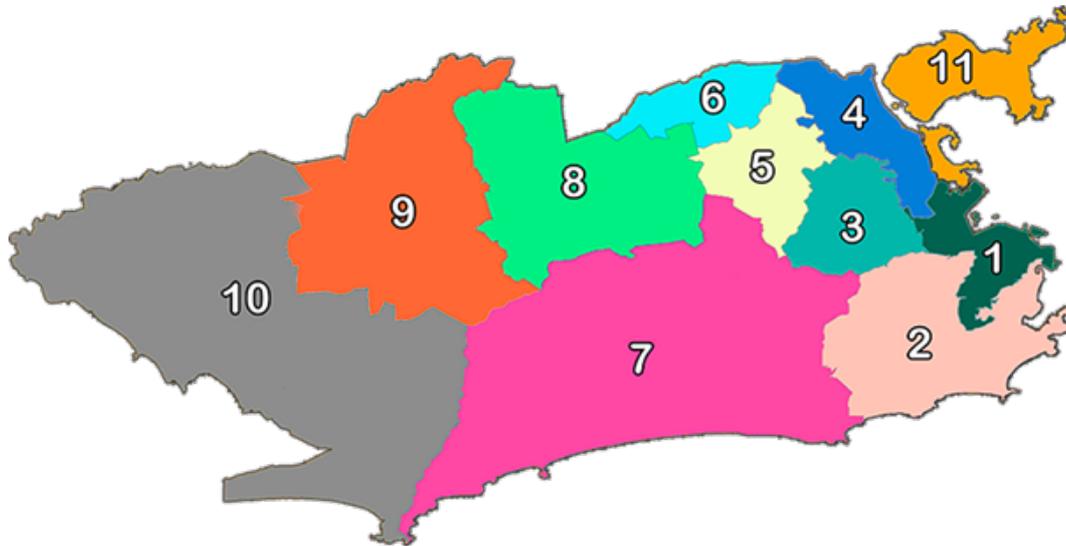


Figura 1: Subdivisão nas 11 Coordenadorias Regionais de Educação no Município do Rio de Janeiro
Fonte: SME/PCRJ (2019)

CRE - COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO		
Sigla	Nº de Escolas	Abrangências
E/1a.CRE	96	Mangueira . Rio Comprido, Paquetá, PRAÇA DA BANDEIRA, Santo Cristo, Praça Mauá, Cidade Nova, Mangueira, São Cristóvão . Rio Comprido . São Cristóvão, Benfica, Santa Teresa, São Cristóvão . PRAÇA MAUÁ, GAMBOA, SAÚDE, Gamboa, CIDADE NOVA, SÃO CRISTOVÃO, Santa Teresa - Morro dos Prazeres, Santo Cristóvão, Estácio, Caju, Catumbi, Centro, São Cristóvão,
E/2a.CRE	153	Flamengo, Grajaú, Vila Isabel, Copacabana - Morro dos Cabritos, Leme, Alto da Boa Vista, Gávea (Rocinha), Jardim Botânico, Maracanã, Urca, Praça da Bandeira, São Conrado, Botafogo, Alto Boa Vista, Laranjeiras, Praça Da Bandeira, Andaraí, Andaraí, Humaitá, Ipanema, Maracanã, LAGOA, Glória, Catete, Cosme Velho, Lagoa, Rodinha, Tijuca - Comunidade Chacrinha, Grajaú - Morro Nova Divinéia, Tijuca, Copacabana, Vidigal, Gávea, Leblon,
E/3a.CRE	134	Engenho da Rainha, Inhaúma, Engenho de Dentro, Jacaré, Engenho De Dentro, Ramos - Complexo do Alemão . Ramos, ENGENHO NOVO, Engenho Da Rainha, Inhauma, Higienópolis, Del Castilho, Água Santa . Todos os Santos, Água Santa, Méier, Engenho Novo, Bonsucesso - Complexo do Alemão, Maria da Graça, Piedade, Tomás Coelho, Encantado, Bonsucesso, Pilares, Tomás Coelho, Tomas Coelho, Riachuelo, Rocha, Cachambi, Uns de Vasconcelos, Jacaré,
E/4a.CRE	166	Braz de Pina, Penha . Vigário Geral, Olaria, Bonsucesso, Vila da Penha, Parada de Lucas, Manguinhos, Vila Da Penha, Ramos, Cordovil, Maré, Maré . Bonsucesso (Maré), Benfica, Bonsucesso, Bonsucesso - BONSUCESSO, Penha Circular, Pavuna, Vigário Geral, Penha, Manguinhos, Maré - Bonsucesso, Ramos, Jardim América, Penha-Circular, Benfica, Penha-Circular, Bonsucesso - Maré, Bonsucesso . Penha circular . Braz de Pina, Maré,
E/5a.CRE	130	Vicente de Carvalho . Guadalupe, Campinho, ROCHA MIRANDA, Rocha Miranda, Honório Gurgel, Tomas Coelho, Bento Ribeiro, Coelho Neto, Madureira, Quintino Bocaiuva, Vicente de Carvalho, Cascadura, Oswaldo Cruz, Vista Alegre, Marechal Hermes, Cavalcanti, _ , Vigário Geral, Osvaldo Cruz, CAMPINHO, Vila Kosmos, Vila Da Penha, Cavalcante, Irajá . Irajá, Turiapu, Vaz Lobo,
E/6a.CRE	113	Parque Colúmbia, Cascadura, Coelho Neto, Costa Barros, Guadalupe . Ricardo de Albuquerque . Acari, Colégio, Deodoro, Irajá, Anchieta, Pavuna . Parque Anchieta, Pavuna, Anchieta . Barros Filho, Barros Filho, Ricardo de Albuquerque, Guadalupe, Pavuna,
E/7a.CRE	180	Freguesia (Jacarepagua), Praça Seca . Vargem Grande, Tanque . Jacarepaguá, Curicica, Itanhangá . Jacarepaguá (Rio das Pedras), Anil, Taquara . Freguesia -Jacarepaguá, Freguesia - (Jacarepaguá), CIDADE DE DEUS, Cidade de Deus . Jacarepagá, Gardênia Azul, Gardênia Azul, Vila Valqueire, BARRA DA TIJUCA, Recreio dos Bandeirantes, Freguesia - (jacarepaguá), Praça Seca - Jacarepaguá, Jacarepaguá (Vargem Pequena), Anil . ANIL (Gardênia Azul), Praça Seca - Jacarepagua-Curicica, Cidade De Deus, Itanhangá, Rio das Pedras - Itanhangá, Barra da Tijuca, Curicica . Jacarepagua . Vargem Pequena, Jacarepaguá . Cidade de Deus, Pechincha, Tanque, Freguesia (Jacarepaguá), Taquara . Jacarepaguá . Taquara, ITANHANGÁ, Anil, Jacarepaguá,
E/8a.CRE	188	BANGU, Santíssimo, vila Kennedy, Senador Camará . Senador Camará, Vila Militar, Bangu, Campo dos Afonsos, Mrechal Hermes, Realengo . Jardim Sulacap, Padre Miguel, Deodoro, Realengo, PADRE MIGUEL, Senador Camara, Magalhães Bastos, Guadalupe, Senador Camará - Lote São José,
E/9a.CRE	165	Inhoaíba, Inhoaiba, Araújo de Cosmos, Cosmos, Nova Iguaçu, Paciência, Cosmos . Campo Grande . Santissimo, CAMPO GRANDE, Inhoaíba . Senador Vasconcelos, COSMOS, Campo Grande . Campo Grande . Santíssimo, Guaratiba, Campo Grande . Campo Grande . Campo Grande (Cachamorra) . Conj Campinho, Campo Grande .
E/10a.CRE	197	Guaratiba, PACIÊNCIA, Sepetiba, Sepetiba . Barra De Guaratiba, Pedra de Guaratiba, Cosmos, Guaratiba . Santa Cruz . Paciência . Santa Cruz, Paciência . SANTA CRUZ, Paciência, Campo Grande, Guaratiba, Jardim Maravilha . Santa Cruz, Palmares - Santa Cruz, COSMOS, Paciência, Freguesia (Ilha do Governador), Tauá, Pitangueiras, Portuguesa, Galeão, Zumbi, Ilha do Governador, Bancários, Cacuiá, Jardim Guanabara, Cidade Universitária, Jardim Carioca,
E/11a.CRE	43	Bancários . PORTUGUESA, Zumbi, GALEÃO, Jardim Guanabara, Tubiacanga, Praia da Bandeira,

Figura 2: Listagem ds unidades escolares por Coordenadoria Regional de Educação - CRE
Fonte: SME/PCRJ (2019)

A SME propôs a atividade que foi admitida pelas escolas por adesão. No total, participaram 734 unidades escolares. Para a atividade, cada unidade escolar recebeu dois arquivos (Figuras 3 e 4):

**DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA E CIDADE:
MAPEANDO OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**
Dia Mundial do Urbanismo – 8 de novembro de 2019

Recomendações para aplicação da atividade com alunos da rede municipal do Rio de Janeiro:

- Todos os estudantes das escolas serão convidados a participar da atividade, a partir das perguntas (VER MODELO ANEXO):
- 1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.
- 2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você deseja para esse percurso?
- a duração da atividade não deverá ultrapassar 50 minutos, incluindo as etapas de preparação, aplicação e recolhimento dos formulários;
- a professora da turma deverá fazer uma breve introdução com a explicação da atividade, esclarecendo os objetivos, a duração e a importância da participação de todos;
- solicitar que os estudantes preencham as informações básicas do formulário: idade, onde moram, nome da escola, ano/série escolar; **não é necessário ter a identificação (nome) do aluno;**
- a forma de resposta ao questionamento deve ser livre, podendo fazer uso de palavras e/ou desenhos;
- o aluno poderá responder da forma que se sentir mais confortável e com o uso de materiais de sua escolha (lápiz preto, caneta, lápis de cor, hidrocor etc);
- esclarecer que não se trata de uma **avaliação e que a atividade não vale nota**, isto é, **não há resposta certa ou errada**; da mesma forma que não se trata de um "concurso de desenhos" que irá selecionar quem desenha melhor – O IMPORTANTE É A PARTICIPAÇÃO;
- os estudantes não são obrigados a participar da atividade, sendo a adesão voluntária;
- é importante que o professor ou quem for aplicar a atividade evite influenciar na elaboração das respostas, deixando o aluno à vontade para se expressar;
- crianças de menor faixa etária podem ter um acompanhamento mais próximo e nesse caso, recomenda-se que a atividade seja aplicada por mais de um educador/professor;
- caso o estudante tenha dúvidas ou dificuldades de entender ou representar/identificar o "caminho", recomenda-se que não haja interferência, já que essa dúvida pode ser também um importante indicador para os resultados da pesquisa;
- mesmo se tratando de uma atividade relacionada às características físicas e urbanas do percurso, aspectos subjetivos podem também aparecer nas respostas, como relações pessoais, sentimentos, situações vivenciadas no cotidiano;
- se for possível, solicitar que o estudante indique o tempo estimado do percurso realizado entre a casa e a escola.

Recomendações para a coleta e envio dos resultados:

Após aplicação da atividade, as folhas serão colocadas num envelope tamanho A4 com os seguintes dados: identificação da CRE, nome da escola, local/bairro, data da aplicação, faixa etária ou série, quantidade de questionários.

Enviar para a coordenação da CRE.

Agradecemos a participação e ficamos disponíveis para qualquer dúvida através do e-mail: ufrj.gae@gmail.com

Figura 3: Instruções para a atividade "Diálogos entre escola e cidade"
Fonte: EPL/SME/PCRJ/PROARQ-UFRJ (2019)

The image shows a questionnaire form titled "DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA E CIDADE: MAPEANDO OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO". It includes logos for UFRJ, RIO, PROARQ, GAE, SERJ, RIO, and UIA2020RIO. The form contains several fields for data collection and two main questions.

DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA E CIDADE:
MAPEANDO OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Dia Mundial do Urbanismo – 8 de novembro de 2019

ESCOLA: ANO/SÉRIE ESCOLAR:
IDADE: GÊNERO: BAIRRO ONDE MORA:
TIPO DE TRANSPORTE PARA ESCOLA: TEMPO DE DESLOCAMENTO:

1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.

2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você deseja para esse percurso?.

Figura 4: Questionário da atividade “Diálogos entre escola e cidade”
Fonte: EPL/SME/PCRJ/PROARQ-UFRJ (2019)

Após aplicação do questionário acima, técnicos da EPL e da SME e pesquisadores dos grupos GAE e ProLugar/SEL-RJ elaboraram, a partir de uma pequena amostra de trabalhos selecionados, o conjunto de categorias e subcategorias para análise e classificação dos desenhos e textos produzidos, através da elaboração de uma planilha de dados contemplando grandes temas. Ao total, 15 categorias e 119 subcategorias foram propostas e aplicadas. Em prosseguimento, a análise dos trabalhos foi realizada durante o Curso de Extensão realizado no PROARQ-FAU/UFRJ, entre janeiro e fevereiro de 2020.

A pesquisa está em andamento com a previsão de uma devolutiva para as unidades escolares a partir de junho de 2020.

RESULTADOS

Em abril de 2020, com apenas 40% de questionários analisados e através das avaliações dos participantes, observa-se a diferença de visões e sensações em diferentes territórios da cidade. As questões ambientais estão entre as preocupações das crianças, assim como o desejo de paz, e as subcategorias segurança, lixo, violência e arborização aparecem com grande frequência.

Como dicotomia relevante, destaca-se que, no século XXI, em uma metrópole como o Rio de Janeiro, ainda ouvimos muitos pedidos de saneamento básico e água limpa, assim como, pedidos de carros elétricos e mais ciclovias.

Os resultados obtidos irão constituir um rico material para nortear as ações da Prefeitura, orientando as políticas públicas municipais, incluindo as respostas do estudo nas ações e metas para 2030, respeitando as realidades sociais e territoriais, possibilitando aplicação de propostas georeferenciadas. Apesar de identificarmos que alguns ajustes serão necessários, a proposta é que a atividade possa ser repetida anualmente e ser acompanhada de acordo com intervenções temporais.

REFERÊNCIAS

<http://participario-pcrj.hub.arcgis.com/>

<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/educacao-em-numeros>

Atmosferas de Preferência no caminho para a escola: afetividades, conflitos e vulnerabilidades segundo representações das crianças, RJ

Na pesquisa “Mapeamento afetivo dos territórios educativos da Cidade do Rio de Janeiro” foram coletados relatos de estudantes de aproximadamente 500 escolas municipais do Rio de Janeiro, distribuídas em 11 Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), abarcando significativa diversidade de contextos urbanos.

Este trabalho apresenta resultados preliminares sobre as representações dessas crianças a respeito do trajeto casa-escola, com o objetivo de identificar a percepção dos elementos morfológicos e inter-relações, significados, sensações e sentimentos neste percurso cotidiano.

Aqui, especificamente, são analisados os desenhos de crianças, entre 8 e 11 anos, de três escolas da 1ª CRE localizadas em áreas de conflito e vulnerabilidade - EM General Mitre (Santo Cristo), EM Catumbi (Catumbi) e EM Olímpica Carioca Edmundo Bittencourt (Benfica).

Parte-se da premissa que as crianças, ao representarem suas vivências, percepções, afetividades e desejos, apontam atmosferas cotidianas, sejam estas de encantação, atratividade, prazer ou medo, repulsa, privação.

ATMOSFERAS DE PREFERÊNCIA

Thibaud (2015, p. 284) entende “atmosfera” como “experiência situada”, envolvendo “criação continuada” e percepção relacionada à experiência de determinada “situação”. Atmosferas cotidianas podem se tornar memoráveis conforme nos tocam, dependendo da configuração visível e invisível da paisagem, do ambiente social, cultural e, também, das condições do nosso próprio estado de espírito. Assim, atribuições de sentido variam entre indivíduos e conforme as experiências que a atmosfera vai propiciando. Sinestesia, envolvendo paisagem sonora, olfativa e tátil, é essencial à percepção (TUAN, 1983; 1980) de atmosferas.

Atmosferas de Preferência são entendidas como atmosferas cotidianas memoráveis que, embora possam ser reconhecíveis no imaginário coletivo, se relacionam à vivência numa escala mais íntima – uma forma de concepção de mundo que contempla atribuições de sentido que envolvem também o olhar do outro. Sua configuração e difusão dependem de como propiciam a contemplação de múltiplos significados, de diferentes visões (LAMOUNIER, 2017).

Nos relatos das crianças, percepções e desejos frequentemente se misturam nas representações de mundo, ou mundos, que expressam sentimentos e sensações. Revelam atmosferas que mesclam preferência e aversão, com múltiplas variações e complexidades, alternando tonalidades de afeto, medo e indignação.

O OLHAR DAS CRIANÇAS

Em 2005, o trabalho intitulado “A cidade e a criança: o olhar da criança e o ensino sobre o espaço urbano” buscou compreender a formação do conceito de cidade para uma criança, por

meio da pergunta “o que é cidade?”, a qual era respondida por desenho e texto. Verificou-se que o conceito é construído de dois modos: empírico, pela experiência urbana e formal; e em função dos conteúdos adquiridos na escola. O trabalho focou no primeiro ciclo do ensino fundamental e apontou (1) “que para as crianças, cidade é acima de tudo o espaço do homem”; (2) que a pesquisa precisaria ser desenvolvida “em diferentes cenários socioeconômicos” e (3) que “para seu pleno desenvolvimento precisaria contar com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, tal como, de algumas instituições de ensino superior”.

Doze anos depois, com o apoio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, no Dia Mundial do Urbanismo, 08/11/2019, alunos das escolas municipais foram convidados a mapear o que vêm, ouvem e sentem no trajeto casa-escola e o que desejariam.

De modo geral, as crianças da 1ª CRE destacaram, nos desenhos e textos, insegurança e situações de vulnerabilidade – medo de bandidos e tráfico e uso de drogas; poluição referente ao lixo e corpos d’água; carência por arborização e espaços de lazer. Contudo, observando os resultados das três Escolas Municipais aqui selecionadas, verificou-se algumas especificidades.

(1) EM General Mitre (figuras 1a, 1b, 1c e 1d), Morro do Pinto, Santo Cristo – 6º ano

Destacaram-se as representações morfológicas (escadarias, casario, morro, ruas), os marcos urbanos (creche, Central do Brasil e UPP – Unidade de Polícia Pacificadora), marcos paisagísticos visualizados à distância (Corcovado e Pão de Açúcar), marcos afetivos (casas de amigos e escola) e os espaços verdes e de lazer (campo de futebol e árvores), talvez pela presença significativa do Parque Machado de Assis.



Figura 1a



Figura 1b



Figura 1c



Figura 1d

Figura 1: Mapeamento afetivo de casa para escola – Morro do Pinto.
Fonte: Desenhos turma 6º ano, EM General Mitre, 2019.

(2) EM do Catumbi (figuras 2a, 2b, 2c e 2d), Catumbi – 5º ano

As representações morfológicas também estão presentes (casario, prédios, ruas), contudo se destacam as representações que expressam sentimentos de medo e vulnerabilidade – desejo de não haver “mais bandidos em frente à nossa casa”, nem “estupradores pelas ruas”, reforçado pelo desenho de homens levando uma criança que grita “socorro!”; o outro desenho reproduz a queima do lixo e, por fim, o aproveitamento da água da chuva e o sobrevoio de helicóptero – operação policial?

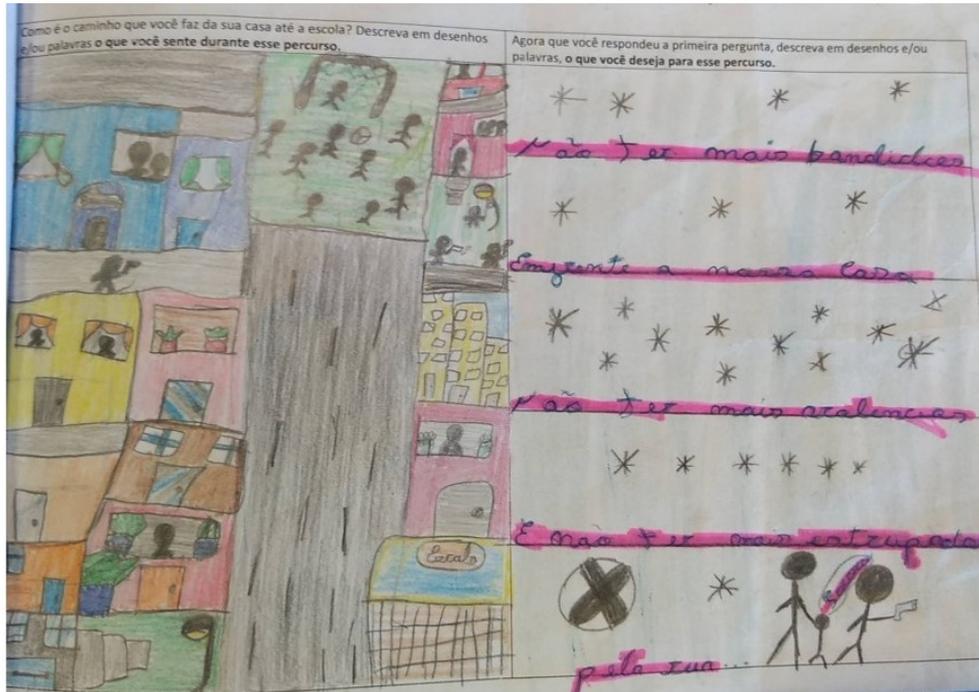


Figura 2a

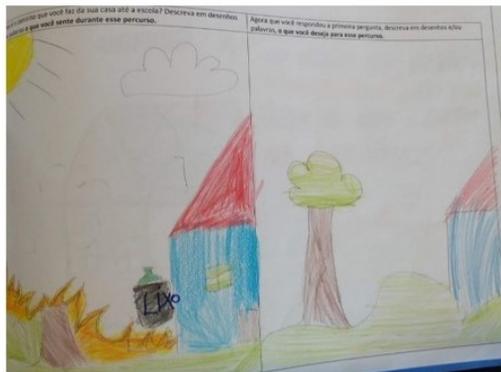


Figura 2b



Figura 2c

Figura 2: Mapeamento afetivo de casa para escola – Catumbi.
Fonte: Desenhos turma 5º ano, EM do Catumbi, 2019.

(3) EMOE Edmundo Bittencourt, Barreira do Vasco, Benfica (figuras 3a, 3b, 3c e 3d) – 3º ano

Predominam as representações (textos e desenhos) sobre a vulnerabilidade de infraestrutura – “água encanada”, “rede elétrica”, “gás encanado e árvores”, proximidade da rede elétrica das pipas, pavimentação, tratamento de valões, esgoto.

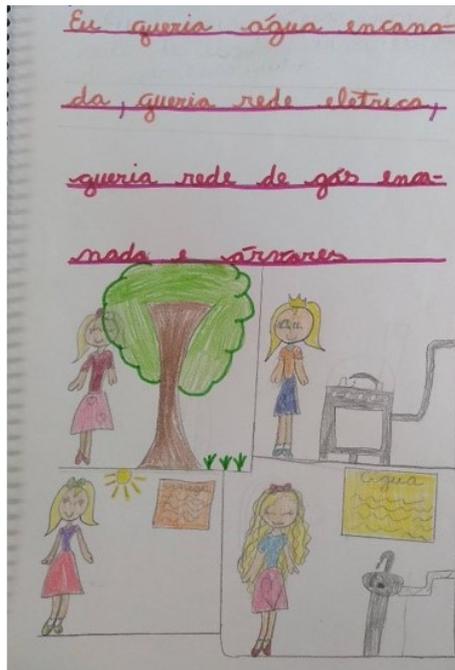


Figura 3a



Figura 3b



Figura 3c

Figura 3: Mapeamento afetivo de casa para escola – Barreira do Vasco.
Fonte: Desenhos turma 3º ano, EMOC Edmundo Bittencourt, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações destas crianças reforçam a importância de analisar atmosferas urbanas à luz dos conceitos de “justiça ambiental” e “conflitos distributivos” (ALIER, 2018), preocupações presentes nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015), especialmente ODS4, pautado na “educação de qualidade”; e ODS11, voltado à garantia de “cidades e comunidades sustentáveis”.

Os desenhos denotam o descaso do Poder Público frente às necessidades das populações em áreas de vulnerabilidade. Afetividades cotidianas, conflitos e vulnerabilidades, no trajeto diário casa-escola, se mesclam, onde as atmosferas de preferência, as que construirão a memória infanto-juvenil, nem sempre são as mais desejáveis, mas as únicas possíveis.

Analisar o “olhar das crianças”, geralmente desconsideradas nas discussões sobre a cidade, contribui por chamar atenção sobre seu cotidiano, sensibilizando a percepção a respeito dos problemas enfrentados e as reivindicações de melhoria. Abre, assim, caminhos à aproximação entre o planejamento e a vivência diária, num viés inclusivo que contempla o reconhecimento dos “pequenos cidadãos” como premissa para ampliação do direito à cidade.

REFERÊNCIAS

ALIER, Joan Martines. **O Ecologismo dos Pobres**: conflitos ambientais e linguagens de valorização. São Paulo: Contexto, 2018.

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AZEVEDO, Giselle; TÂNGARI, Vera; LAMOUNIER, Alex (Coord.). **Mapeamento afetivo dos territórios educativos da cidade do Rio de Janeiro**. Curso de extensão – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. pp. 84-91.

GRIFFERO, Tonino. “*The atmospheric “skin” of the city*”. **Ambiances – International Journal of Sensory Environment, Architecture and Urban Space: enjeux – arguments – positions**. Grenoble: UMR 1563/DAPA – MCC, 2013, pp. 01-14.

LAMOUNIER, Alex. **Atmosferas de Preferência na ‘Cidade Maravilhosa’**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2017.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**: 17 objetivos para transformar nosso mundo. ONU: 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/>>. Acesso em 13/02/2020.

REGO, Andrea Queiroz; JAEGER, Maria Luísa; VASCONCELLOS, Virgínia M. N. **A cidade e a criança**: o olhar da criança e o ensino sobre o espaço urbano. Salvador: XI Encontro Nacional da ANPUR, 2005.

THIBAUD, Jean-Paul. **En quête d'Ambiances: éprouver la ville en passant**. Genève: MétisPresses, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço & Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

Dispositivos da arquitetura em uma leitura de mundo pelas crianças

INTRODUÇÃO

Alguns instrumentos do campo da Arquitetura e Urbanismo, amplamente utilizados como ferramentas que subsidiam processos analíticos e propositivos puderam ser ressignificados em *dispositivos* quando aplicados em oficinas com crianças de maneira a valorizar sua “leitura de mundo”. O pensamento de Paulo Freire, de onde emprestamos este termo, foi um importante aporte, que combinado aos dispositivos, indica um caminho de autonomia das crianças no aprendizado sobre os potenciais educativos do território.

Analogamente à contribuição *freireana*, em que a história de vida dos alfabetizandos emerge no processo de alfabetização, neste trabalho, por meio dos dispositivos, as crianças são introduzidas em uma *alfabetização territorial* em que há um processo de “descodificação” da realidade por elas vivida. Freire (1975) apresenta este processo de modo mais detalhado em momentos: “descodificação”, quando se descreve os elementos codificados em suas partes constitutivas, o da “cisão” da totalidade ad-mirada, o do “retorno” com outros sujeitos à admiração anterior e a “análise crítica” do que a codificação representa.

Para este movimento contribuíram, inicialmente, dispositivos como a análise *walkthrough* (RHEINGANTZ *et al.*, 2009), um tipo de entrevista guiada durante percursos à deriva pelo bairro em que as crianças problematizaram aspectos de seu cotidiano de forma dialógica. Diferentemente de uma explanação feita pelo arquiteto sobre os problemas de infraestrutura do bairro, a descodificação levou a questionamentos mútuos entre educador e educandos, que na análise crítica – retotalizada – permitiu aos “sujeitos cognoscentes” realizar a “solidariedade entre as partes constituintes na totalidade” (FREIRE, 1975, p. 85).

CONTEXTO

A partir desta primeira experiência, foi organizado um itinerário de territórios educativos a serem visitados pelas crianças utilizando-se de diferentes dispositivos e formas de sistematização. Estes dispositivos foram categorizados em etapas: aproximar, mapear, construir e decidir, servindo-se de instrumentos oriundos da avaliação do ambiente construído como o próprio *walkthrough*, além de mapeamentos visuais e cognitivos, seleção visual e outros amplamente utilizados pela arquitetura como maquetes e outros ainda associados a metodologias participativas como a assembleia, resultando em folders, painéis e um atlas dos territórios educativos, o qual sintetiza o itinerário. Montaner (2017) situa os atlas em uma categoria que “aprende com a prática”, com a realidade, com as necessidades e desejos, favorecendo uma nova teoria pragmática.

MÉTODO

A aplicação dos dispositivos em oficinas se efetivou com o programa “Crianças arquitetando no território”, realizado principalmente com uma turma do 5º ano integral da Escola Parque Cidadã Cyro Sosnosky, no Bairro Efapi em Chapecó-SC, por meio de uma metodologia que combinou a pesquisa-ação e a cartografia como método para escuta das crianças. Para Singer (2011, p. 25), “a pesquisa-ação associa a aprendizagem ao processo de investigação, o que coincide com os resultados das mais atuais pesquisas na área das ciências da cognição”. A

autora acrescenta que a pedagogia que emerge da pesquisa-ação parte do reconhecimento dos saberes e experiências, resgatando identidades e mapeando potencialidades que possam se voltar à elaboração de projetos baseados no desenvolvimento integral dos indivíduos, dando origem a um novo conhecimento que supera a arrogância do especialista.

Já o método da cartografia se caracteriza por não antagonizar “teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção da realidade” (ALVAREZ & PASSOS, 2015, p. 131). O processo cognitivo supera a forma simplista de representar o objeto por relações com o que já está constituído, mas exige “implicar-se com o mundo, comprometer-se com sua produção” (ibidem). Além destes dispositivos, a postura epistemológica exigiu uma combinação híbrida de técnicas em coerência com o método mais participativo que visou garantir a melhor correspondência das crianças. Soares (2006) reforça que assim não só se “desocultam as vozes” delas, mas se recoloca cada um em papéis distintos do modo convencional de pesquisa. Como recomenda Rhoden (2012), uma atitude em pesquisas com crianças deve tratá-las como “sujeitos ativos e com saberes, não como objetos a serem investigados” (p. 413), indicando a “comunicação dialógica” como “caminho para o pesquisador perceber e compreender o que acontece na produção de linguagem, que a criança adota consigo mesma, com seus pares e com o pesquisador, no decorrer da investigação”(ibidem).

RESULTADOS

Ao internalizar os dispositivos oferecidos, as crianças puderam ser elas mesmas partícipes de seu processo cognitivo, associando-se assim o espaço escolar a outros agentes e territórios educativos (TEs) em uma rede que fortalece a formação integral na infância. A Arquitetura e Urbanismo, ao dispor e ativar seus conhecimentos e instrumental oferece valorosa cooperação para este fim, de maneira que as crianças desempenhem de forma protagonista o papel de investigadoras, exercitando-se em uma educação libertadora que valoriza seus saberes e sua ação transformadora no mundo. Portanto, a identificação dos TEs, ao fazer emergir os territórios vividos, colabora para esta visão.

Para Freire (1987, p. 23), a pedagogia do oprimido tem duas temporalidades. Primeira, quando os oprimidos desvelam o mundo da opressão e se envolvem pela práxis em sua transformação. Segunda, quando já transformada a realidade de opressão, que é quando se exercita a pedagogia da libertação. É um movimento contínuo, em que se passa do reconhecimento do opressor à supressão dos mitos por ele criados, embora permaneça a sombra destes na estrutura revolucionária que surge. A identificação dos TEs parece ter se alinhado em seus momentos como este movimento temporal expresso por Freire desde uma pedagogia do oprimido até uma pedagogia libertadora, ou problematizadora.

Acreditamos que o programa colaborou para contestar a educação bancária, quando esta “insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo, e por isto, mistifica a realidade” (FREIRE, 1987, p. 41), ao contrário da “problematizadora, comprometida com a libertação, (que) se empenha na desmistificação” (ibidem). Do ponto de vista do arquiteto, que também se forma neste processo dialógico com as crianças, percebemos seu potencial como arquiteto-mediador, ou “arquiteto-educador”, favorecendo uma apropriação crítica a respeito de seu fazer e uma socialização de seu conhecimento perito com os participantes das atividades por ele desenvolvidas.

REFERÊNCIAS:

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: [PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana de]. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p.131-149.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Extensão ou comunicação**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

RHEINGANTZ, Paulo A., AZEVEDO, Giselle A. N., BRASILEIRO, Alice, ALCÂNTARA, Denise de, QUEIROZ, Monica. **Observando a qualidade do Lugar**: procedimentos para a Avaliação Pós-Ocupação. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2009.

RHODEN, Sandra. “A pesquisa com crianças: a criança como sujeito de pesquisa”. **Revista Seminário Nacional de Arte e Educação**, n. 23, p. 1-8, 2012. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/112/205>. Acesso em 31 out. 2019.

SINGER, Helena. Definição e características da pesquisa-ação comunitária. In: **Pesquisa-ação Comunitária**. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz/Fundação Itaú Social, 2011, p. 17-34. Disponível em: https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Tecnologias-do-Bairro-Escola_Vol1_pesquisa-acao-comunitaria.pdf. Acesso em 07 fev. 2019.

SOARES, Natália F. “A investigação participativa no grupo social da infância”. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, p.25-40, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/soares.pdf>. Acesso em 30 out. 2019.